

Interculturalidades mediadas: Análise das postagens de comunicadoras indígenas no Instagram e as barreiras algorítmicas da rede*



Pietra Silva Queiroz**
Sofia Cavalcanti Zanforlin***

Recibido: 2024-03-26 • Enviado a pares: 2024-04-12
Aprobado por pares: 2024-06-26 • Aceptado: 2024-07-17
<https://doi.org/10.22395/angr.v23n46a08>

Resumo

Este artigo analisa postagens de duas personalidades indígenas: Sonia Guajajara (@guajajasonia), nascida no Maranhão e Ministra dos Povos Indígenas em 2023, e Romanã Waiapi (@romanawaiapi), influenciadora digital nascida no Pará, na rede social Instagram. O objetivo é investigar as possibilidades de exercício intercultural e a ampliação do alcance dessas postagens por meio do uso da plataforma digital. A premissa é que as plataformas, como o Instagram, podem ser ferramentas poderosas para promover a comunicação comunitária e o diálogo intercultural. A interatividade permite a troca cultural entre indivíduos de diferentes regiões, facilitando o acesso à diversidade cultural e desafiando a hegemonia do conhecimento ocidental, o que pode fomentar uma sociedade mais inclusiva e consciente. Com base na perspectiva da educomunicação e utilizando o método da análise de conteúdo categorial, o artigo coleta e categoriza postagens de ativismo social feitas por essas influenciadoras indígenas. O objetivo é identificar como as características da ferramenta e seu algoritmo podem tensionar ou perpetuar o colonialismo nas redes sociais, influenciando a visibilidade dessas vozes. O estudo adota uma postura crítica em relação ao funcionamento das redes sociais, especialmente do Instagram, relacionando a educomunicação aos movimentos decoloniais dos povos indígenas brasileiros. O artigo destaca a dependência dos algoritmos para que o potencial intercultural e contestatório das postagens se concretize, assegurando que as redes sociais funcionem como ferramentas efetivas na divulgação, valorização e conhecimento da luta dos povos indígenas.

Palavras-chave: educomunicação; interculturalidade; estudos culturais; algoritmos; decolonialidade; Instagram; influenciadores digitais; povos indígenas.

* Artigo realizado a partir da Dissertação produzida para o mestrado em Comunicação do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, da autora Pietra Silva Queiroz.

** Doutoranda em Estudos de Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes). Mestra em comunicação pelo Programa de Pós Graduação em comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. Bacharel em Comunicação Social/Educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande. Email: pietra.queiroz.081@ufrn.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6363-8753>

*** Professora da Universidade Federal de Pernambuco - Departamento de Comunicação e Programa de pós-graduação em Comunicação. Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011), mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (2004) e graduada em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (2001). Email: sofia.zanforlin@ufpe.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4030-1329>

Mediated Interculturalities: An Analysis of Indigenous Influencers Posts on Instagram and Media Algorithmic Barriers

Abstract

This article analyzes posts on Instagram by two Indigenous influencers: Sonia Guajajara (@guajajarasonia), born in Maranhão and Minister of Indigenous Peoples in 2023, and Romanã Waiapi (@romanawaiapi), a digital influencer born in Pará. It aims to inquire into the possibilities for intercultural engagement and their reach expansion through the use of this digital platform. The premise is that platforms such as Instagram can be powerful tools for promoting community communication and intercultural dialogue. Interactivity allows for cultural exchange between individuals from different regions, facilitating access to cultural diversity and challenging the hegemony of Western knowledge, which can foster wider inclusiveness and awareness in society. Based on an educommunicative approach and using a categorial content analysis (AC) method, we collect and categorize social activism posts by these Indigenous influencers. We intend to identify how the features of the platform and its algorithm can either challenge or perpetuate colonialism on social media, influencing the visibility of these voices. The study adopts a critical stance toward the functioning of social media, especially Instagram, linking educommunication to Brazilian Indigenous people' decolonial initiatives. Among our findings, we highlight the dependence on algorithms for the intercultural and rebellious potential of the posts to be actualized, thus ensuring that social networks work as effective tools in the dissemination, appreciation, and awareness-raising of the Indigenous peoples' struggle.

Keywords: educommunication; interculturality; cultural studies; algorithms; decoloniality; Instagram; digital influencers; Indigenous peoples.

Interculturalidades mediadas: análisis de los posts de comunicadoras indígenas en Instagram y las barreras algorítmicas de la red

Resumen

Este artículo analiza publicaciones de dos personalidades indígenas: Sonia Guajajara (@guajajarasonia), nacida en Maranhão y Ministra de los Pueblos Indígenas en 2023, y Romanã Waiapi (@romanawaiapi), una influenciadora digital nacida en Pará, en la red social Instagram. El objetivo es investigar las posibilidades de ejercicio intercultural y la ampliación del alcance de estas publicaciones mediante el uso de la plataforma digital. La premisa es que plataformas como Instagram pueden ser herramientas poderosas para promover la comunicación comunitaria y el diálogo intercultural. La interactividad permite el intercambio cultural entre individuos de diferentes regiones, facilitando el acceso a la diversidad cultural y desafiando la hegemonía del conocimiento occidental, lo que puede fomentar una sociedad más inclusiva y consciente. Basado en la perspectiva de la educomunicación y utilizando el método de análisis de contenido categorial (AC), el artículo recopila y categoriza publicaciones de activismo social realizadas por estas influenciadoras indígenas. El objetivo es identificar cómo las características de la herramienta y su algoritmo pueden tensionar o perpetuar el colonialismo en las redes sociales, influyendo en la visibilidad de estas voces. El estudio adopta una postura crítica hacia el funcionamiento de las redes sociales, especialmente en el contexto de Instagram, relacionando la educomunicación con los movimientos decoloniales de los pueblos indígenas brasileños. En sus conclusiones, el artículo destaca la dependencia de los algoritmos para que el potencial intercultural y contestatario de las publicaciones se concrete, asegurando que las redes sociales funcionen como herramientas efectivas en la divulgación, valorización y conocimiento de la lucha de los pueblos indígenas.

Palabras clave: educomunicación; interculturalidad; estudios culturales; algoritmos; decolonialidad; Instagram; influenciadores digitales; pueblos indígenas.

Introdução

As novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) desempenham um papel fundamental na comunicação comunitária, ampliando os canais de expressão e fortalecendo movimentos e organizações populares (Peruzzo 1998; Sodré, 2012). A internet, em particular, cria espaços digitais que permitem a divulgação de informações e ideias, aumentando o impacto das mensagens desses movimentos. No entanto, é essencial considerar as disparidades no acesso a essas tecnologias, enfatizando a necessidade de inclusão digital para assegurar a participação equitativa na comunicação comunitária (Castells, 1999; Jenkins, 2009).

O objetivo deste estudo é analisar como as redes sociais digitais, especialmente o Instagram, são usadas por movimentos indígenas brasileiros para promover a educomunicação, visibilidade, resistência e descolonização cultural. A pesquisa investiga de que forma essas plataformas podem desafiar as hegemonias de poder e combater o eurocentrismo algorítmico.

Especificamente, são analisados os povos indígenas Guajajara e Waiãpi. Os Guajararas, um dos maiores grupos indígenas do Brasil, possuem uma rica tradição oral e práticas culturais relacionadas à agricultura, caça e pesca, sendo reconhecidos pela sua forte resistência na defesa de sua cultura (Oliveira, 2022). Os Waiãpi, por sua vez, mantêm uma cultura tradicional que inclui práticas de subsistência e um profundo conhecimento da flora e fauna locais, utilizados em rituais e medicinais tradicionais (Gallois, 2014; 2019). Ambos os grupos enfrentam desafios significativos na preservação de suas tradições, enquanto utilizam as redes sociais como ferramentas de resistência cultural.

A metodologia aplicada se baseia na análise de conteúdo e envolve a observação e coleta de postagens e perfis de influenciadores indígenas no Instagram, utilizando uma abordagem teórica baseada nos estudos culturais, pós-colonialidade e educomunicação. O escopo da pesquisa foca o uso do Instagram como ferramenta de educomunicação, com limitações relacionadas à amostragem e generalização dos dados para outras plataformas.

Este é um trabalho desenvolvido a partir da pesquisa que relaciona a educomunicação e os movimentos indígenas brasileiros nas redes sociais, a partir das postagens no Instagram e visa a contribuir para a discussão sobre as interseções entre comunicação, educação e decolonialidade, destacando como os povos indígenas se apropriam das mídias digitais para promover suas culturas e resistir ao colonialismo contemporâneo.

Enquadramento teórico

A partir de uma visão crítica das redes digitais (Lemos, 2020), este trabalho se estrutura em três pilares teóricos e suas implicações. São eles: estudos culturais (Hall, 1996, 2006, 2016), pós-colonialidade e decolonialidade (Quijano, 1992, 2005) e educomunicação (Freire, 1968; Peruzzo, 2002; Soares, 2002; Sodré, 2012, 2014). O conceito de neomaterialismo apresentado por André Lemos (2020) guia a pesquisa a partir de seu posicionamento crítico perante os sistemas de engrenagem das redes sociais com um foco no Instagram.

Estudos culturais

Stuart Hall em *Cultura, mídia e o efeito ideológico* (2017) oferece uma perspectiva inovadora sobre a interação entre mídia, cultura e ideologia. Ele rejeita a visão da ideologia como um conjunto fixo de ideias impostas, abordando-a como um processo dinâmico em que significados são continuamente produzidos, circulados e consumidos. A mídia, segundo Hall, não atua meramente como um instrumento de manipulação, mas como um campo de negociação onde diferentes significados e interesses se confrontam. Em seu conceito de "decodificação ativa", Hall argumenta que os indivíduos interpretam as mensagens midiáticas com base em suas próprias experiências e contextos sociais, desafiando a ideia de que são receptores passivos. Além disso, ele utiliza o conceito de hegemonia, baseado nas teorias de Antônio Gramsci para mostrar como a mídia contribui para a construção e manutenção do consenso da classe dominante (Hall, 2017).

Os processos coloniais sofridos pelos povos originários da América do Sul deixaram sequelas que resultaram na marginalização dos colonizados e nas desigualdades sociais existentes. A classe dominante, em países colonizados, desde o período colonial se mantém no controle social pela exploração dos recursos naturais da região colonizada e do trabalho braçal e escravizado da população colonizada, que se tornou marginalizada devido ao processo colonial. Este trabalho permeia os estudos sobre a influência da colonização dos povos indígenas dos territórios do sul global junto ao debate da utilização das mídias digitais por esses povos, em que foi realizado a análise de postagens e perfis de influenciadores indígenas no Instagram.

Também Aníbal Quijano, em seu artigo "Colonialidade e Modernidade/Racionalidade" (2007), oferece uma base teórica crucial para compreender o impacto das novas tecnologias nas relações de poder globais e nas desigualdades sociais. Seus conceitos revelam como a colonialidade do poder persiste na divisão digital, com o acesso desigual às tecnologias de informação e comunicação reforçando estruturas de poder históricas e marginalizando populações. Além disso, Quijano destaca a importância de reconhecer diversos sistemas de conhecimento. Aqui, as tecnologias digitais podem amplificar vozes marginalizadas (como a dos povos indígenas) e promover

conhecimento alternativo, embora apresentem desafios relacionados ao acesso e à representação. Os movimentos decoloniais também podem usar essas tecnologias para comunicação e mobilização, desafiando narrativas coloniais (Quijano, 2007).

Pós-colonialidade e decolonialidade

O termo "decolonial" refere-se a um movimento político, social e cultural que busca desafiar e dismantelar as estruturas de poder e conhecimento estabelecidas pelo colonialismo (Mignolo, 2018). O pensamento decolonial propõe uma crítica profunda às formas como a colonização moldou as sociedades, culturas, economias e sistemas de conhecimento, particularmente nos contextos pós-coloniais da América Latina, África, Ásia e outras regiões que foram colonizadas. Os posts que foram determinados tendo algum segmento decolonial, são posts que têm em seu conteúdo mensagens que seguem a proposta de desmistificar paradigmas, padrões e estereótipos coloniais.

Educomunicação

O pesquisador Ismar Soares (1999, 2002, 2011) agrega ao campo da educomunicação a criação de sete áreas de intervenção para a aplicação da educomunicação nos espaços em que se faz necessária uma melhora no eixo comunicação/educação, para promover o letramento midiático e digital, a troca e construção de conhecimento, a decolonização de saberes, ecossistemas dialógicos e utilização dos meios de comunicação para o ativismo social. Tudo isso ajuda a diminuir desigualdades trazidas pela colonização e pelo eurocentrismo.

Ainda de acordo com o pesquisador, a educomunicação visa capacitar os cidadãos para que se tornem produtores e consumidores ativos de conteúdo midiático, contribuindo para uma maior participação social e um entendimento mais profundo dos processos comunicacionais.

As sete áreas de práticas educacionais propostas por ele são:

- 1) Educação para a comunicação, focada no consumo crítico e consciente dos meios de comunicação e na autonomia midiática.
- 2) Pedagogia da comunicação: utiliza mídias para enriquecer o ensino e integrar as TIC.
- 3) Gestão da comunicação, aborda a administração de projetos comunicacionais e promove a comunicação institucional.
- 4) Mediação tecnológica na educação: explora o papel dos mediadores tecnológicos e promove a inclusão digital.
- 5) Produção midiática educativa: estimula a criação colaborativa de materiais educativos e democratiza o conhecimento.

- 6) Expressão comunicativa por meio de linguagens artísticas: usa artes para a expressão e inclusão cultural.
- 7) Epistemologia da educomunicação: reflete sobre os fundamentos teóricos e as relações entre comunicação e conhecimento. (Soares, 1999, 2002, 2011)

Igualmente, Muniz Sodré (2012, 2014) propõe a reestruturação das sociedades a partir da comunicação e da educação, utilizando a comunicação comunitária e as tecnologias de informação e comunicação como ferramentas educacionais. Sodré aborda o uso das TIC como ferramentas para amplificar vozes marginalizadas, incorporar perspectivas diversas em recursos educacionais e facilitar a comunicação intercultural, promovendo uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Além disso, a tecnologia tem potencial para facilitar a comunicação e a colaboração intercultural, aqui entendida a partir de García Canclini (2005), cuja noção se baseia na troca e na negociação, testando os limites da convivência das diferenças, das lutas pelos direitos políticos e culturais, e, no que se refere diretamente à comunicação e à cultura, à luta pela representação: "a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas. Interculturalidade implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos" (p. 17). A interatividade é condição para a troca cultural entre indivíduos de distintos locais, permitindo o acesso à diversidade cultural e desafiando a predominância do conhecimento ocidental, todo o qual fomenta uma sociedade mais inclusiva e com trocas interculturais.

No contexto brasileiro, a diversidade cultural reflete o histórico de colonização, escravização e migrações, tornando o país uma verdadeira pluralidade de culturas. Em decorrência dos processos coloniais desde o período das grandes navegações, que promoveram o eurocentrismo ainda presente, muitas populações subalternizadas sofrem com o não reconhecimento, a desvalorização e os estereótipos das suas culturas. Um exemplo disso, são os povos originários do Brasil.

A comunicação comunitária é uma das propostas da educomunicação, que surge com o intuito de minimizar os impactos de estados outrora colonizados pelos europeus. Rita Segato (2022) proporciona uma análise abrangente e crítica dos legados persistentes do colonialismo, abordando questões fundamentais relacionadas a gênero, raça, sexualidade e poder. A obra revela como as estruturas coloniais continuam a influenciar a sociedade contemporânea, mesmo após a independência formal dos países anteriormente colonizados. Segato examina a persistência dos sistemas de dominação coloniais e como esses sistemas continuam a operar. Ela também investiga como a construção de gênero está intrinsecamente vinculada aos processos coloniais, resultando em formas específicas de opressão dirigidas a mulheres indígenas e negras.

Além disso, o livro discute as questões de indigenismo e decolonização, defendendo a autonomia e autodeterminação dos povos indígenas contra modelos de “salvação” impostos externamente (Segato, 2022).

As redes sociais digitais podem ser utilizadas para a divulgação da luta pelo reconhecimento dos povos indígenas (Quintero, 2023), já que é crucial reconhecer e valorizar a contribuição desses povos, que desempenham um papel fundamental na preservação e na promoção da diversidade cultural do Brasil, trazendo suas próprias narrativas, conhecimentos ancestrais e expressões artísticas para o cenário cultural do país. Este artigo selecionou os perfis @guajajarasonia e @romanawaiapi, os dois com influência nas redes sociais, para serem analisados os números que medem as métricas desses perfis e assim chegar a uma reflexão a respeito da ação do algoritmo da plataforma.

Partindo da premissa de que a cultura está no centro dos debates contemporâneos e que a principal manifestação da centralidade do cultural em nossa época é, com certeza, o surgimento do ideário multiculturalista e a sua difusão pelo mundo, a internet surge como uma aliada da divulgação das manifestações culturais para os diversos territórios, tanto físicos quanto digitais. A acessibilidade para as tecnologias de informação e comunicação (TIC) promovida pelo avanço tecnológico cunhou a internet 2.0, configurou as redes sociais digitais e reconfigurou as interações sociais. Apesar das redes sociais oferecerem a promessa de autonomia na divulgação de ideias e culturas, continuam a refletir as hegemonias de poder que remontam às grandes navegações europeias.

Em meio ao avanço tecnológico, o Instagram foi criado como ferramenta para a interação entre os usuários e acabou se tornando uma das redes sociais mais acedadas na terceira década do século XXI. Sendo então uma ferramenta que contribui para os novos estudos culturais pós-internet 2.0, incluindo pautas ativistas de lutas sociais e temáticas culturais, o que permite a divulgação e o acesso de culturas separadas fisicamente.

Possibilidades de utilização de redes sociais e a prática da educomunicação

A educomunicação surge como um campo de estudo que explora a relação entre comunicação e educação, enfatizando a importância da dialogicidade e o potencial das TIC na sociedade. Ela se desenvolveu ao longo do tempo, impulsionada por mudanças sociais, tecnológicas e culturais, especialmente no século XX e XXI, com o avanço tecnológico nos meios de comunicação. No contexto global, a educomunicação surge a partir do advento das mídias digitais, como o cinema e o rádio, e se expande para promover a educação e a comunicação em diferentes contextos, incluindo a educação formal e não formal, buscando enfatizar a participação ativa dos cidadãos

nos processos sociais e a construção coletiva do conhecimento. A partir de movimentos populares na América Latina e Brasil, especialmente durante as décadas de 1960, 1970 e 1980, marcadas por regimes ditatoriais opressores, como a ditadura militar no Brasil, que durou de 1964 a 1985, a educomunicação passa a ser colocada em prática e estudiosos da área a solidifica como campo de estudo.

Durante o período da ditadura, houve repressão política, censura e perseguição a opositores do regime, resultando em restrições à liberdade de expressão. Foi durante esse período que o educador Paulo Freire defendeu a importância da conscientização e do empoderamento dos oprimidos por meio da educação. Embora não tenha usado o termo "educomunicação", suas ideias e métodos educacionais desempenham um papel fundamental na formação desse campo. Sua obra mais conhecida, "Pedagogia do Oprimido", de 1968, critica o modelo tradicional de educação como uma ferramenta de dominação das elites sobre as classes populares, propondo uma educação crítica e libertadora que busca a conscientização e a transformação social por meio da participação ativa dos alunos.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na praxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (Freire, 2005, p. 79-80)

Freire (2005) propõe também uma abordagem dialógica como elemento central para a transformação social. Ele argumenta que o ato de desvelar a opressão envolve não apenas a conscientização, mas também capacita os oprimidos a se tornarem agentes ativos na luta contra os sistemas opressores. Essa dialogicidade é um dos pilares da educomunicação, que busca promover ecossistemas comunicativos baseados no diálogo e na participação de todos os envolvidos, utilizando ou não tecnologias de comunicação como meio mediador. Freire critica a educação tradicional, que ele denomina de "educação bancária", como uma ferramenta de dominação que perpetua a opressão e desigualdade.

As populações oprimidas nos países do hemisfério sul global se encontram nessa posição por diversos motivos, mas a motivação inicial se dá após a colonização pelos países europeus, em que se empenharam em explorar recursos naturais e a mão-de-obra escrava dos originários que já se encontravam nos locais e também (no contexto do Brasil), negros escravos trazidos da África. Por isso pode se considerar que Freire e a educomunicação propõem uma pedagogia decolonial que busca evocar conhecimentos da população marginalizada e desafiar as estruturas opressoras eurocêntricas. Em sua obra, Freire destaca que a verdadeira comunicação não se resume

à transferência de conhecimento, mas sim à co-participação no ato de compreender a significação do significado, promovendo assim uma educação libertadora e crítica.

A educomunicação desempenha um papel crucial ao incentivar a participação ativa dos cidadãos de setores marginalizados na sociedade, oferecendo meios para que esses grupos expressem suas vozes e assumam um papel protagonista em sua comunicação. Através dela, aqueles envolvidos em movimentos populares e organizações não governamentais podem criar e difundir mensagens, tornando-se também emissores no processo comunicativo.

Essa participação ativa na comunicação, conhecida como comunicação popular, é proposta por Cicilia Peruzzo (1998) e Jesus Martín-Barbero (1999) e surge como uma forma alternativa de comunicação, originada nos movimentos populares das décadas de 1970 e 1980, buscando atender às necessidades de participação política e justiça social dos segmentos empobrecidos. Por meio dos movimentos sociais, os indivíduos têm a oportunidade de se engajar em atividades comunitárias, fortalecendo seus laços sociais e desenvolvendo um sentido de pertencimento à comunidade.

Martín-Barbero (2005) argumenta que o conceito de "popular" na América Latina é dinâmico e culturalmente construído, moldado por relações de poder, dinâmicas sociais e lutas por reconhecimento. O autor destaca que o popular é híbrido e sincrético, resultante da mistura de influências indígenas, africanas e europeias. Ele explora como a mídia, especialmente a televisão, reconfigura o popular ao amplificar e comercializar expressões culturais, e reconhece as práticas culturais populares como formas de resistência e contracultura. Martín-Barbero defende que o popular é um conceito em constante transformação, refletindo a complexidade e a diversidade das expressões culturais na região. (Martín-Barbero, 2005)

A comunicação comunitária, conceito próximo à comunicação popular (Peruzzo, 1998), busca transformar os receptores em sujeitos participativos, construindo uma cultura política mais interativa e plural. Ela se caracteriza por estar enraizada nas realidades locais e pelas demandas das comunidades, contrastando com a lógica dominante dos meios de comunicação de massa. Através dela, as pessoas se tornam protagonistas na produção e transmissão de mensagens, ampliando seu poder de voz e participação na sociedade.

Peruzzo (2014, 2020), a partir da comunicação popular e da ascensão e acessibilidade às tecnologias, destaca a necessidade de garantir o acesso universal à internet e aos equipamentos digitais, com atenção especial aos grupos marginalizados e colocando em prática a comunicação popular através das ferramentas digitais. Ela enfatiza a importância da alfabetização digital, para que todos desenvolvam as habilidades necessárias para navegar no ambiente online. Além disso, defende o

desenvolvimento de tecnologias que priorizem privacidade, transparência e participação, e o fortalecimento dos movimentos sociais que lutam por uma internet mais democrática. Peruzzo também sublinha a importância do diálogo crítico sobre o uso das tecnologias, a fim de construir espaços online seguros e acolhedores, possibilitando também a construção de narrativas alternativas que desafiam discursos dominantes e oferecem novas perspectivas sobre problemas sociais. Em conjunto, essas ações visam superar os desafios da participação digital, construindo uma comunicação popular mais justa e transformadora, em consonância com a pedagogia freireana e com a educomunicação (Peruzzo, 2014).

De acordo com Peruzzo, para superar esses desafios e construir uma comunicação popular mais justa, decolonizadora e democrática no ambiente digital, é necessário democratizar o acesso às novas TIC, promover a alfabetização digital, desenvolver tecnologias mais justas e acessíveis, fortalecer os movimentos sociais e promover um diálogo crítico (Peruzzo, 2014, 2020). Propostas também encontradas dentro do campo da educomunicação, que como abordagem pedagógica e comunicacional, busca capacitar as comunidades marginalizadas a se expressarem e a compartilharem suas perspectivas por meio de diferentes formas de mídia, incluindo as redes sociais digitais.

Segundo Muniz Sodré (2019), esse progresso tecnológico oferece muitas oportunidades para a educação, mas também traz vários desafios. Sodré se refere ao ambiente digital que permeia nossas vidas e molda nossos hábitos e comportamentos como “bios virtual”. (Sodré, 2014). Ou seja, a tecnologia e a comunicação não são apenas meios para que os cidadãos se informem sobre o mundo, mas também criam um ambiente imersivo, influente e impactante, podendo ser utilizada como uma ferramenta de luta decolonial.

Sodré (2019) ainda ressalta que a mídia e as tecnologias de comunicação podem ser utilizadas para fins educativos, transformando o processo de ensino-aprendizagem e promovendo uma educação mais participativa e crítica. O autor também explora a ideia do “comum” como uma forma de organização social que se opõe à lógica do mercado e da propriedade privada. Ele defende que a comunicação e a cultura podem ser meios de resistência e construção de uma sociedade mais equitativa. Assim como devem ser utilizados no Instagram por populações marginalizadas. (Sodré, 2019)

A interação entre educomunicação, estudos culturais, redes sociais digitais e decolonialidade constitui um campo complexo e multifacetado, que demanda uma análise detalhada das dinâmicas de poder e das estruturas sociais subjacentes, que condicionam e por vezes determinam o exercício da interculturalidade.

Nesse sentido, observamos um movimento mais vinculado com o multiculturalismo do que com interculturalidade, se acatamos a premissa desenvolvida por

García Canclini: "Sob concepções multiculturais, admite-se a *diversidade* de culturas (...) propondo políticas de respeito. Em contrapartida, a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento" (García Canclini, 2005, p. 17).

Ainda no contexto educacional, a pedagogia decolonial busca integrar processos educacionais e comunicativos para formar indivíduos autônomos, críticos, éticos e solidários. A decolonialidade propõe uma reconstrução epistêmica e cultural que valoriza os saberes e perspectivas dos povos subalternizados, contribuindo para uma compreensão mais equitativa e inclusiva das relações globais e do legado colonial. Desafiar o eurocentrismo torna-se essencial para promover uma visão mais justa e plural do mundo, reconhecendo e valorizando as múltiplas perspectivas e contribuições das diferentes civilizações ao longo da história. O desafio, portanto, é pensar quais as possibilidades de aproximação entre a educação popular, a educomunicação sendo postas em prática na relação com as redes sociais. Afinal, as redes se configuram atualmente como meio de aproximação, divulgação e de militância na busca pela visibilidade e alcance dos debates das questões indígenas, no nosso caso específico. No entanto, a pesquisa, e este trabalho, demonstram que a ampliação do debate depende mais do formato e tipo de postagem e a relação com o algoritmo das redes.

Análises: Instagram, Algoritmo e (De)colonialidade

O DataReportal é uma plataforma que fornece relatórios abrangentes e regularmente atualizados sobre as tendências digitais globais, com foco no uso da internet, engajamento nas redes sociais e comportamento digital em diferentes países. Conforme dados revelados pela plataforma (Site-About), o Instagram se encontra em quarto lugar no ranking dos sites mais acessados. Este ranking foi feito pela SimilarWeb.com, empresa parceira da DataReportal, que monitora e analisa o tráfego e dados na web.

O DataReportal revela ainda dados atualizados acerca do uso de internet e das redes sociais digitais no Brasil. De acordo com o site, no Brasil, em janeiro de 2023 havia 181,8 milhões de usuários de internet no país, totalizando 84,3% (DataReportal, 2023b). Desse total, 152,4 milhões de usuários eram também usuários de mídias sociais. O site traz dados fornecidos pelas ferramentas de publicidade da Meta¹, que apontam que

o Instagram tinha 113,5 milhões de usuários no Brasil no Início de 2023 [...] No entanto, o Instagram restringe o uso de sua plataforma a pessoas com 13 anos ou mais, por isso é útil saber que 63,6% do público "elegível" no Brasil usa o Instagram em 2023. (DataReportal, 2023a)

1 A Meta é a empresa proprietária do Instagram e refere-se à empresa anteriormente conhecida como Facebook, Inc. Em outubro de 2021, o Facebook anunciou que estava passando por uma rebranding e mudaria o nome da empresa para "Meta". O objetivo dessa mudança era refletir a visão da empresa de se tornar líder no desenvolvimento do metaverso, uma ideia de um espaço virtual tridimensional onde as pessoas podem interagir de maneira digital.

Os dados acima revelam números que colocam a plataforma em segundo lugar no ranking de mídias sociais mais usadas em janeiro de 2023 (Datareportal, 2023a) e faz com que o Brasil alcance a terceira posição no ranking mundial de usuários do Instagram, com 132,6 milhões de usuários ativos (Datareportal, 2023b), demonstrando a influência da plataforma nos meios sociais e no cotidiano da sociedade.

A ferramenta permite o compartilhamento de fotos, vídeos e textos em que é possível a criação de perfis pessoais ou comerciais, possibilitando a divulgação de diversos tipos de conteúdos, incluindo conteúdos decoloniais e posts que divulguem injustiças sociais. O grande número de acessos e influenciadores digitais.²

O Instagram então exerce um papel fundamental no desenvolvimento das culturas digitais atuais e na divulgação delas, podendo ser utilizada como uma ferramenta educacional e decolonial, contribuindo para a conscientização e a participação ativa dos usuários na produção e transmissão de mensagens educativas, se contrapondo do contexto midiático existente anteriormente à acessibilidade da internet 2.0. Por trás da rede digital e dos processos mecanizados, há profissionais que programam as ações das máquinas, destacando a importância da agência humana nesse contexto. A perspectiva neomaterialista, discutida por André Lemos (2020), analisa como elementos como algoritmos, interfaces e redes de comunicação influenciam as estruturas sociais, transcendendo a mera tecnicidade para se tornar um novo ordenamento societário. Ao navegar na internet, o usuário deixa rastros de sua atividade, armazenados em bancos de dados e utilizados por algoritmos para direcionar conteúdo de acordo com interesses mercadológicos. Essa estrutura reflete a dinâmica capitalista e colonialista presente na sociedade. O Instagram, exemplifica essa dinâmica, permitindo compartilhamento de diversos tipos de mídia e organização do conteúdo por meio de algoritmos.

A análise dos algoritmos e métricas das redes sociais, especialmente do Instagram, revela como eles influenciam o engajamento e a visibilidade do conteúdo. As funcionalidades já mencionadas oferecidas pela plataforma como mensagens diretas e a opção "Explorar", permitem os usuários a se comunicarem privadamente e a descobrir novos conteúdos através dos algoritmos. Quando um conteúdo atinge um grande número de perfis, ele é considerado "viral" e pode gerar altos níveis de engajamento, medidos por curtidas, comentários e compartilhamentos, o que pode levar ao aumento de seguidores ou, em alguns casos, à rejeição (Karahawi, 2017).

Os algoritmos do Instagram desempenham um papel crucial no engajamento do conteúdo produzido para a plataforma. Eles determinam a relevância dos conteúdos

2 O influenciador digital é um profissional que utiliza as plataformas digitais para produzir e compartilhar conteúdo com seu público. Sua atividade envolve influenciar opiniões, comportamentos e decisões de seus seguidores em relação a estilo de vida, gostos, opiniões e consumo de bens culturais.

que são entregues a cada usuário, com base em fatores como os interesses fornecidos pelo banco de dados e o engajamento obtido após cada postagem. Quando um perfil obtém engajamento com os seguidores em uma postagem, o algoritmo tende a entregar esse conteúdo para outros usuários, aumentando assim a visibilidade da publicação e do perfil. Além disso, os algoritmos do Instagram têm a capacidade de viralizar determinado conteúdo, ditando tendências digitais e impactando diretamente o sucesso e a visibilidade dos usuários da plataforma. Portanto, o engajamento do conteúdo produzido é fortemente influenciado pelos algoritmos do Instagram, que têm um papel significativo na determinação da visibilidade e do alcance das postagens. No entanto, a mercantilização das redes sociais também apresenta problemas. O'Neal (2020) e Noble (2021) discutem como a falta de regulamentação pode agravar desigualdades e promover a opressão através dos algoritmos, que muitas vezes reproduzem vieses e excluem minorias.

Noble (2023) propõe a criação de padrões tecnológicos mais inclusivos, que considerem as necessidades e perspectivas de diversos grupos sociais. Seu trabalho serve como um chamado à ação para que a comunidade tecnológica reavalie seus processos e priorize a inclusão, oferecendo uma perspectiva crítica sobre como a tecnologia pode tanto perpetuar quanto desafiar desigualdades (Noble, 2023).

Embora as redes sociais possam sustentar estruturas de poder e desigualdade, também oferecem uma plataforma para que cidadãos comuns se expressem e promovam suas ideias (Fuchs, 2015). No entanto, é essencial que haja maior conscientização sobre as implicações dos algoritmos e a necessidade de regulamentação para garantir um ambiente digital mais justo e inclusivo (Noble, 2021). O fenômeno dos influenciadores digitais, que produzem conteúdo patrocinado e promovem marcas, reflete uma nova profissão que surgiu com o aumento das redes sociais. Esses influenciadores utilizam as plataformas para influenciar decisões de consumo, criando um mercado significativo para o marketing digital (Dantas, 2022; Karhawi, 2017). O sucesso de um influenciador é frequentemente medido por métricas de interação, e o algoritmo desempenha um papel fundamental na ampliação do engajamento das suas postagens (Karhawi & Prazeres, 2022).

Segundo Bardin (2016), a análise de conteúdo pode iniciar-se com a categorização dos dados, agrupando informações semelhantes, o que, embora não seja obrigatório, proporciona um planejamento estruturado e uma abordagem mais sistemática para atingir os objetivos da pesquisa em comunicação. As etapas de análise de conteúdo incluem pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação dos dados, com o objetivo de identificar categorias, temas e padrões relevantes. De acordo com Sampaio e Lycarião (2021), as etapas para conduzir a análise de conteúdo envolvem a definição do objeto da pesquisa, seleção do material a ser analisado, codificação

do conteúdo, agrupamento dos códigos em categorias, análise das categorias identificadas, interpretação dos resultados e apresentação dos achados relacionados à literatura existente.

Metodologia

Dentre os influenciadores indígenas ativos no Instagram, dois perfis que se destacam pelo alto número de seguidores; são @guajajarasonia, com 776 mil seguidores e @romanawaiapi com 955 mil seguidores³. Os números que medem o engajamento (curtidas, comentários, número de seguidores e segmento das postagens analisadas) de ambos os perfis, e a partir dos dados obtidos, foram analisados a partir de uma leitura crítica e educacional do que estes números podem representar. Para a análise das postagens, será utilizada a metodologia de pesquisa de análise de conteúdo categorial (Bardin, 2016; Sampaio & Lycaríão, 2021).

Através da criação de um formulário de acompanhamento das contas de Instagram mencionadas, desde novembro de 2023 os perfis estão sendo acompanhados, e foram analisados os últimos quinze posts de cada um dos dois perfis mencionados, postados até a data de 24/03/2024, numerados de forma decrescente- da mais antiga para a mais recente, do número um ao 15. As 15 postagens da Sônia Guajajara foram postadas entre 20/03/24 e 24/03/2024 e as da Romanã Waiapi foram postadas no período entre as datas 02/03/24 e 19/03/24. Os posts dos perfis foram categorizados segundo critérios estabelecidos durante observação e monitoramento. Após a categorização foram avaliados os engajamentos de suas postagens.⁴

As métricas que medem o engajamento são importantes para avaliar o impacto das postagens do perfil na sociedade ou em determinada situação e Karhawi (2023) menciona que o engajamento do perfil nas redes sociais é um fator crucial para o sucesso e a visibilidade dos usuários da plataforma. A autora ressalta que o engajamento também é valorizado em relação ao número de seguidores e que plataformas digitais convertem a atenção, a interação e as atividades dos usuários em dados, que impactam diretamente no algoritmo (Karhawi, 2017).

A partir dessa análise foram discutidas as nuances das diferenças das métricas e os fatores que permeiam essa nuance, fornecendo uma compreensão de como o uso dos meios de comunicação pode ao mesmo tempo ser ferramenta para a promoção de valores culturais e pautas ativistas, como também possuir em si aspectos coloniais que são empecilhos na divulgação destes conteúdos.

3 Dados conferidos no dia 24/03/2024 às 16h05 no horário de Brasília/Brasil.

4 Um bom engajamento, é medido através de métricas como curtidas, comentários, compartilhamentos, visualizações, entre outras, podendo levar a novos seguidores ao perfil que o publicou ou também ocasionar o contrário, promovendo rejeição, segundo Issaaf Karhawi (2017).

Os perfis analisados para este artigo foram selecionados pelo critério de número de seguidores e pelo critério das abordagens dos conteúdos postados por cada um deles. Enquanto o perfil da Sônia Guajajara possui a temática voltada para pautas sobre decolonização e ativismo indígena o perfil da Romanã Waiapi, apresenta postagens, que mesmo abordando temáticas sobre a cultura indígena, possui um contexto voltado para o entretenimento. Ambos os perfis estão sendo acompanhados desde novembro de 2023 e possuem um número relevante de seguidores e relevância dentre os diversos perfis de pessoas indígenas no Instagram.

Sônia Guajajara é uma líder indígena brasileira e ativista pelos direitos dos povos indígenas e pelo meio ambiente. Ela nasceu na Terra Indígena de Araribóia, no Maranhão, e pertence ao povo Guajajara. Sônia se tornou uma figura proeminente na defesa dos territórios indígenas, na luta contra o desmatamento e na denúncia de violações dos direitos humanos. Além disso, ela foi candidata a vice-presidente do Brasil nas eleições de 2018, representando o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), e em 2022 foi eleita deputada federal por São Paulo. Guajajara também pressionou o governo a criar o Ministério dos Povos Originários, cobrando uma maior participação dos indígenas na política. Em 2023, com a posse do presidente Lula, assumiu o cargo de Ministra dos Povos Indígenas do Brasil, tornando-se ainda mais ativa na promoção da conscientização sobre as questões enfrentadas pelos povos indígenas no país e internacionalmente.

Romanã Waiapi é uma influenciadora digital indígena da etnia Wajãpi que em seu perfil do Instagram compartilha conteúdos sobre seu povo, respondendo de forma irônica e bem-humorada as perguntas preconceituosas.

Ambos os povos originários delas estão situados ao Nordeste do Brasil. Os povos Guajararas (ou Tenetehara) são um dos maiores grupos indígenas do Brasil, localizados principalmente no estado do Maranhão (Oliveira, 2022). Eles fazem parte do tronco linguístico Tupi-Guarani e ocupam uma vasta região dentro de terras indígenas, como Arariboia, Caru, Cana Brava, e outras. Os Guajararas têm uma rica tradição oral e cultural, com práticas relacionadas à agricultura, caça, pesca, e coleta de matéria prima na natureza. Eles cultivam principalmente mandioca, milho e outros produtos agrícolas, e possuem um sistema social e religioso próprio.

A maior parte do território dos Guajararas está localizado na região central do Maranhão, abrangendo terras indígenas homologadas e não homologadas. Apesar da proteção legal, esses territórios enfrentam constantes ameaças devido ao desmatamento ilegal, invasão de terras, e conflitos com madeireiros e grileiros. Nas últimas décadas, os Guajararas têm sido reconhecidos pela sua resistência em defender suas terras e cultura. Eles enfrentam desafios significativos, incluindo violência

contra lideranças indígenas, degradação ambiental, e falta de acesso a serviços públicos básicos. (Oliveira, 2022)

Por sua vez, os Waiãpi são um grupo indígena que vive principalmente no estado do Amapá e no norte do Pará, no Brasil, e em algumas regiões da Guiana Francesa (Gallois, 2014). Eles são falantes da língua Waiãpi, que pertence também ao tronco Tupi-Guarani. Os Waiãpi mantêm uma cultura rica e tradicional, com práticas de subsistência baseadas na agricultura, caça, pesca e coleta (Gallois, 2014). Eles são conhecidos por suas pinturas corporais e por um profundo conhecimento da flora e fauna locais, que utilizam em práticas medicinais e rituais. Tradicionalmente, os Waiãpi ocupam terras na região do Amapá, especialmente na Terra Indígena Waiãpi, que foi demarcada e homologada na década de 1990. Este território é crucial para a manutenção de sua cultura e modo de vida.

Mesmo tendo terras homologadas, assim como muitos outros povos indígenas no Brasil, os Waiãpi enfrentam ameaças ao seu território, principalmente por causa do avanço do garimpo ilegal e da exploração de recursos naturais. A luta pela preservação de seu território e cultura é central para os Waiãpi. Atualmente, os Waiãpi continuam a lutar contra a invasão de suas terras e os impactos ambientais das atividades ilegais. As lideranças têm buscado apoio de ONGs e de órgãos governamentais para proteger seu território e garantir seus direitos. (Gallois, 2019).

Nas Figuras 1 e 2 são apresentados os dois perfis do Instagram de Sonia Guajajara e de Romanã Waiapi, analisados na data de 24/03/2024.



Figura 1: Print do Perfil do Instagram da Sonia Guajajara

Fonte: Instagram @soniaguajajara. Data: 24/03/2020



Figura 2: Print do Perfil do Instagram da Romanã Waiapi

Fonte: Instagram @romanawaiapi Data: 24/03/2020

Anterior a essa data, no dia 05/02/2024, como consta nas Figuras 3 e 4, também foi feita uma checagem na quantidade de seguidores dos perfis e @guajajarasonia possuía 772 mil seguidores enquanto Romanã Waiapi possuía 819 mil seguidores.



Figura 3: Print do Perfil do Instagram da Sonia Guajajara

Fonte: Instagram @soniaguajajara. Data: 05/02/2020



Figura 4: Print do Perfil do Instagram da Romanã Waiapi

Fonte: Instagram @romanawaiapi. Data: 05/02/2020

As 15 postagens a serem analisadas foram enumeradas na ordem decrescente (das mais antigas para as mais recentes), ou seja, as últimas 15 postagens até a data de 24/03/2024, e estão indicadas nos prints representadas nas Figuras 5 e 6.



Figura 5: Print das 15 últimas postagens da Sônia Guajajara Até 24/03/2024

Fonte: Instagram @soniaguajajara- numerado pelas autoras



Figura 6: Print das 15 últimas postagens da Romanã Waiapi até a data de 24/03/2024

Fonte: Instagram @romanawaiapi- numerado pelas autoras

Os posts dos perfis foram catalogados conforme as seguintes categorias: Entretenimento decolonial (postagens que possuem um caráter de entretenimento abordando as culturas indígenas); Entretenimento midiático (será dividido em entretenimento midiático- humor; Entretenimento midiático- beleza/estética/moda; entretenimento midiático- dança viral; entretenimento midiático- rotina e dia-a-dia; entretenimento midiático- vida pessoal; entretenimento midiático- rifa; entretenimento midiático- jogos; entretenimento midiático- outros); Fotografia indígena; Artes cênicas; Artes visuais indígenas (pinturas desenhos, artes gráficas e tatuagens); Dança indígena; Música decolonial; Grafismo indígena; Ativismo indígena; Gastronomia indígena; Artesanato indígena; Cinema decolonial; Religiosidade Cristã; Literatura decolonial; Política; Medicina ancestral; Etnomídia; Cursos (cursos, palestras, entrevistas e debates); Liderança indígena; Mídia de massa (publicações veiculadas pelas mídias de massa, como tv, serviços de streaming, rádio e jornais); Post em conjunto (postagens feitas em mais de um perfil); Concurso público; Evento; Data comemorativa; Nota informativa e (acontecimentos de) Comoção nacional (Tabela 1).

A seguir, nas tabelas 1 e 2 são apresentadas as análises das últimas 15 postagens feitas nos perfis do Instagram da Ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara e da influenciadora digital Romanã Waiapi.

Tabela 1: Análise das Postagens do Perfil @Guajajara Sonia

Nº post	Data de postagem	Nº de curtidas	Post comum, Reels ou Ao vivo	Nº de compartilhamentos	Nº de comentários	Segmento do post
1	20/03/2024	383	Comum	X	4	Ativismo indígena; Evento; Política
2	20/03/2024	996	Comum	X	23	Ativismo indígena; Política
3	21/03/2024	7.214	Comum	X	83	Ativismo indígena; Data comemorativa
4	21/03/2024	346	Reels	24	12	Política
5	21/03/2024	347	Comum	X	7	Política
6	21/03/2024	17.920	Reels	823	3.057	Política; Post em conjunto
7	21/03/2024	625	Comum	X	13	Política; Ativismo indígena
8	22/03/2024	2.398	Comum	X	115	Política
9	22/03/2024	4.428	Comum	X	77	Entretenimento decolonial; Entretenimento midiático- vida pessoal
10	22/03/2024	916	Comum	X	21	Política; Ativismo indígena
11	23/03/2024	2.487	Reels	49	134	Entretenimento decolonial;
12	23/03/2024	2.075	Comum	X	21	Nota informativa
13	23/03/2024	285	Reels	5	23	Política
14	24/03/2024	17.723	Reels	1.424	287	Política; Comoção nacional; Mídia de massa
15	24/03/2024	569	Comum	X	18	Política; Evento

Fonte: elaborado pelas autoras

Tabela 2: Análise das Postagens do Perfil @Romanawaiapi

Nº post	Data de postagem	Nº de curtidas	Post comum, Reels ou Ao vivo	Nº de compartilhamentos	Nº de comentários	Segmento do post
1	02/03/2024	29.301	Reels	1.174	638	Entretenimento midiático-humor
2	03/03/2024	9.016	Reels	127	315	Entretenimento midiático- vida pessoal
3	04/03/2024	28.114	Reels	5.095	988	Entretenimento midiático- humor
4	05/03/2024	140 mil	Reels	1.850	944	Entretenimento midiático- vida pessoal; Entretenimento decolonial
5	05/03/2024	8.586	Reels	74	194	Entretenimento midiático- humor; Entretenimento midiático- outros
6	06/03/2024	616.735	Reels	77,7 mil	10,7 mil	Entretenimento midiático- humor; Entretenimento midiático- vida pessoal
7	07/03/2024	13.657	Reels	1.197	435	Entretenimento decolonial; entretenimento midiático- rotina e dia-a-dia
8	07/03/2024	8.120	Reels	81	131	Entretenimento midiático- rifa
9	11/03/2024	21.613	Reels	3.453	914	Entretenimento decolonial; entretenimento midiático- rotina e dia-a-dia
10	11/03/2024	19.222	Reels	2.075	2.211	Entretenimento decolonial; entretenimento midiático- rotina e dia-a-dia; Entretenimento midiático- polêmica
11	11/03/2024	12.678	Reels	657	532	Entretenimento decolonial; entretenimento midiático- rotina e dia-a-dia; Entretenimento midiático- polêmica
12	12/03/2024	13.425	Reels	415	282	Entretenimento decolonial; entretenimento midiático- rotina e dia-a-dia
13	13/03/2024	16.626	Reels	377	286	Entretenimento decolonial; entretenimento midiático- rotina e dia-a-dia; Entretenimento decolonial- polêmica
14	15/03/2024	5.357	Comum	X	200	Entretenimento midiático- vida pessoal
15	19/03/2024	26.366	Reels	12,5 mil	2.145	Entretenimento decolonial; entretenimento midiático- rotina e dia-a-dia; Entretenimento midiático- polêmica

Fonte: elaborado pelas autoras

Discussão e resultados

A partir dos dados coletados, é possível observar que enquanto o perfil da Sônia Guajajara, em suas postagens, aborda com mais frequência questões relacionadas à política e questões relacionadas à luta dos direitos dos povos originários, devido ao seu cargo de Ministra do Povos Indígenas, o perfil da Romanã Waiapi possui somente postagens relacionadas ao entretenimento, seja entretenimento decolonial ou entretenimento midiático. Das 15 postagens analisadas do perfil @guajajara_sonia, 11 eram sobre política, 5 sobre ativismo indígena e 2 sobre entretenimento decolonial.

Os dois perfis possuem um número relevante de seguidores e influência na plataforma. Porém, enquanto Romanã Waiapi demonstra um bom engajamento em seu perfil do Instagram, especialmente em postagens de entretenimento midiático/humor e entretenimento midiático/polêmica, Sonia Guajajara mostra baixo engajamento, com pouca interação, na maioria das suas postagens.

Além disso, nota-se que enquanto as publicações de Guajajara são, em sua maioria, relacionadas à política e ao ativismo indígena, Romanã possui em seu perfil postagens que acompanham e divulgam tendências publicitárias da atualidade na rede social, como é identificado no formato de suas postagens (*reels* e respondendo perguntas) e nos posts em a indígena divulga produtos (rifas) não relacionados à sua cultura. Observa-se também, em posts anteriores, que Romanã já colaborou com influenciadores digitais não indígenas em postagens anteriores, o que também aumenta o engajamento.

A análise dos perfis de Sônia Guajajara e Romanã Waiapi nas redes sociais revela diferenças significativas em suas estratégias de comunicação e impacto na plataforma. Estas diferenças são ilustrativas das abordagens distintas que ambos os perfis adotam, refletindo suas prioridades e os contextos em que estão inseridos.

A abordagem de temas políticos e de ativismo indígena no perfil de Sônia Guajajara é consistente com seu papel oficial como Ministra dos Povos Indígenas, onde o foco nas questões de políticas públicas e direitos dos povos originários é uma extensão natural de suas responsabilidades profissionais.

Romanã Waiapi ao adotar uma abordagem diferente- majoritariamente focada no entretenimento, mesmo sendo vinculado aos debates de teor decolonial, consegue obter um maior engajamento dos outros usuários do Instagram. Essa estratégia inclui não apenas entretenimento humorístico e polêmico, mas também postagens que seguem tendências publicitárias da atualidade, como reels e respostas a perguntas, além de colaborações com influenciadores não indígenas. A inclusão de rifas e

promoções de produtos não relacionados diretamente à cultura indígena sugere uma tentativa de engajamento diversificado com seu público.

A análise mostra um contraste marcante no engajamento dos dois perfis. Romanã Waiapi demonstra um engajamento robusto, particularmente em postagens relacionadas ao entretenimento, o que se traduz em um crescimento substancial de seguidores (136 mil novos seguidores em 46 dias). O uso de tendências atuais e formatos populares na rede social, como *reels* e colaborações com influenciadores, parece ser eficaz em atrair e manter a atenção dos usuários. Em contraste, o perfil de Sônia Guajajara apresenta um engajamento relativamente baixo, com uma interação menor nas postagens sobre política e ativismo.

Romanã Waiapi utiliza seu perfil para se conectar com uma audiência ampla por meio de conteúdo que está alinhado com as tendências e interesses populares na plataforma. Esta abordagem não só amplia seu alcance, mas também a torna mais visível para uma gama diversificada de seguidores e potenciais colaboradores. A escolha de formatos modernos e de engajamento com influenciadores não indígenas pode aumentar a sua visibilidade e atratividade e podendo influenciar o algoritmo da rede a levar as suas postagens a mais perfis.

Sônia Guajajara, por outro lado, em 46 dias perdeu 4 mil seguidores, o que reflete a resistência de sua postura em uma plataforma onde os algoritmos tendem a marginalizar conteúdos que questionam as estruturas de poder estabelecidas. Essa perda de seguidores evidencia como as dinâmicas digitais, moldadas por padrões eurocêntricos, podem penalizar vozes e postagens que promovem a descolonização e a resistência cultural. Observa-se que a Ministra mantém um foco mais estreito e especializado, centrado em questões políticas e culturais. Esse foco pode limitar o alcance do seu perfil a um público mais interessado especificamente nas questões indígenas e políticas, o que pode explicar o menor crescimento em seguidores e o menor engajamento e supor uma atuação do algoritmo. A natureza decolonial, institucionalizada e de relevância social de suas postagens pode não se alinhar tão bem com os padrões de engajamento das mídias sociais, que muitas vezes favorecem conteúdos que seguem modelos que trazem maior engajamento, modelos mais dinâmico e de entretenimento, enviesados em estruturas capitalistas e coloniais.

Essas diferenças destacam a complexidade de como o conteúdo é percebido e engajado nas redes sociais. Enquanto Romanã Waiapi consegue atrair uma ampla audiência através de estratégias de entretenimento e tendências publicitárias, Sônia Guajajara enfrenta desafios associados à comunicação de temas políticos e de ativismo em um espaço onde o conteúdo viral e de entretenimento muitas vezes domina.

Considerações finais

A partir do uso das redes sociais digitais, como o Instagram, por povos indígenas, observou-se que essas plataformas oferecem um potencial significativo para a visibilidade e a resistência decolonial, permitindo que comunidades marginalizadas compartilhem suas histórias, lutas e culturas. No entanto, a pesquisa também evidenciou que, apesar das oportunidades proporcionadas por essas tecnologias, os algoritmos das redes sociais frequentemente marginalizam conteúdos que confrontam as narrativas dominantes, especialmente os relacionados à decolonialidade. Isso reflete um fenômeno de "racismo algorítmico", como destaca Noble (2023), no qual as plataformas, ainda que democratizem o acesso à informação, favorecem conteúdos que se alinham aos interesses comerciais e à cultura dominante, dificultando a amplificação de vozes dissidentes.

Assim, é necessário desenvolver novos estudos que aprofundem a análise do impacto dos algoritmos sobre a visibilidade de conteúdos decoloniais e investiguem como essas tecnologias podem ser ajustadas para promover uma comunicação mais equitativa e inclusiva. A continuidade dessa pesquisa pode se concentrar em alternativas para mitigar os efeitos prejudiciais do racismo algorítmico e na promoção de uma internet mais democrática e representativa. Além disso, a pesquisa futura pode explorar como os movimentos sociais podem usar essas plataformas de maneira estratégica, de forma a garantir que as narrativas decoloniais sejam adequadamente visibilizadas, sem perder de vista os desafios impostos pelas estruturas tecnológicas atuais.

A tecnologia tem sido fundamental na transformação da sociedade moderna, alterando a maneira como nos comunicamos, aprendemos e nos relacionamos. O uso das redes sociais digitais, como o Instagram, com um intuito decolonial, tem potencial para promover a interculturalidade, ampliando o alcance das mensagens, quebrando estereótipos, abrindo espaços para a fala de povos marginalizados e fomentando o ativismo social. No contexto específico do Instagram, uma plataforma de alcance global, as populações indígenas e outras minorias encontram uma oportunidade única para amplificar suas vozes e desafiar as narrativas hegemônicas. Por meio de postagens, stories, lives e reels, líderes e influenciadores indígenas, como Romana Waiãpi e Sonia Guajajara, compartilham suas histórias, culturas, lutas e conhecimentos com um público global. Isso contribui para a de(s)colonização das representações midiáticas, que muitas vezes retratam essas comunidades de forma estereotipada ou paternalista.

No entanto, a pesquisa revelou que, apesar dessas oportunidades, os algoritmos das redes sociais frequentemente marginalizam conteúdos que confrontam as narrativas dominantes, especialmente os relacionados à decolonialidade. Esse fenômeno reflete o "racismo algorítmico", no qual as plataformas, embora democratizem o acesso à informação, privilegiam conteúdos alinhados aos interesses comerciais e à cultura dominante, dificultando a amplificação de vozes dissidentes. O algoritmo do

Instagram, embora promova a disseminação de conteúdos, tende a priorizar postagens que se ajustam a interesses dominantes, marginalizando temas e perspectivas que desafiam as hegemonias. Isso se manifesta na sub-representação e estereotipagem dos povos indígenas. A sub-representação das culturas indígenas é evidente na maneira como grandes mídias e perfis com grande alcance abordam esses temas, muitas vezes filtrados por uma ótica externa, influenciada pela perspectiva branca. Tais conteúdos não apenas falham em representar as culturas indígenas de forma autêntica, mas frequentemente reduzem suas complexidades a estereótipos, o que contribui para uma visão distorcida da realidade indígena. No caso de perfis como o de Romana Waiãpi, vemos que, embora sua proposta seja promover a cultura indígena, o conteúdo frequentemente se ajusta aos padrões esperados por uma audiência branca e mainstream. Isso resulta em maior engajamento, pois o algoritmo favorece postagens que se alinham com essas expectativas, enquanto conteúdos mais autênticos e complexos, que realmente desafiam a visão hegemônica, são marginalizados. Isso evidencia a dificuldade de amplificar uma voz indígena genuína dentro das estruturas algorítmicas e midiáticas que ainda priorizam as narrativas dominantes e coloniais.

A integração das redes sociais como uma ferramenta de educomunicação e exercício intercultural pode ser vista como uma extensão prática da resistência decolonial. Quando utilizadas com foco decolonial, essas plataformas oferecem uma oportunidade de promover a visibilidade de culturas marginalizadas, fomentar a criticidade e desmistificar narrativas coloniais. Além disso, permitem a rápida disseminação de informações e a organização de campanhas, petições e protestos virtuais, facilitando a formação de comunidades online dedicadas à reflexão crítica sobre temas decoloniais.

Sodré (2012) também aponta que as tecnologias podem apresentar outros desafios, como a "totalização técnica", que pode reter a atenção das pessoas e perpetuar modelos opressores. Esse aspecto das redes sociais, que favorece o entretenimento e conteúdos mais populares em detrimento de discursos decoloniais, ressalta a necessidade de um olhar crítico sobre o uso e o acesso às ferramentas tecnológicas, que muitas vezes marginalizam cidadãos em situações vulneráveis e reforçam a narrativa dominante. Além disso, há questões neoliberais nas engrenagens da rede, que capitalizam o espaço de discurso e mantêm os modelos de poder tradicionais.

O racismo algorítmico, afeta gravemente as populações indígenas, perpetuando desigualdade no acesso à tecnologia, sub-representação e invisibilização das lutas decoloniais. Para enfrentar esses desafios, é necessário desenvolver algoritmos mais justos e representativos, que promovam a inclusão e a diversidade, e garantir que as tecnologias sejam desenvolvidas de maneira ética, com transparência nos processos algorítmicos. É imprescindível que haja uma maior participação dos povos indígenas no desenvolvimento

tecnológico e uma conscientização sobre o racismo algorítmico, para construir um futuro mais justo, equitativo e respeitoso com os direitos dessas comunidades.

Portanto, é essencial que futuras pesquisas aprofundem a análise do impacto dos algoritmos na visibilidade de conteúdos decoloniais, buscando alternativas para mitigar os efeitos do racismo algorítmico e promover uma comunicação digital mais equitativa. Além disso, essas pesquisas devem explorar como os movimentos sociais podem usar as redes sociais de maneira estratégica, para garantir que as narrativas decoloniais sejam visibilizadas, enfrentando os desafios impostos pelas estruturas tecnológicas atuais. Ao integrar práticas de educomunicação com uma abordagem decolonial, é possível construir uma presença online que desafie as narrativas dominantes, empodere comunidades marginalizadas e contribua para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Referências

- Castells, M. (1999) *A sociedade em rede* (vol. 1). Paz e Terra.
- Dantas, C. (2022) O TikTok e o futuro da criação de conteúdos na web. *Revista Continente*. <https://revistacontinente.com.br/edicoes/260/o-tiktok-e-o-futuro-da-criacao-de-conteudos-na-web>
- Datareportal. (2023a). *Digital 2023: Brazil*. <https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil>
- Datareportal. 2023b. *Instagram Users, stats, data & trends*. https://datareportal.com/essential-instagram%20stats?utm_source=DataReportal&utm_medium=Country_Article_Hyperlink&utm_campaign=%20Digital_2023&utm_term=Brazil&utm_content=Facebook_Stats_Link
- Datareportal (s. f.). *About*. Site. <https://datareportal.com/about>
- Freire, P. (2005). *Pedagogia do oprimido* (42^o ed.). Paz e Terra.
- Fuchs, C. (2015). Power in the age of social media. *Journal of Critical Theory*, 1(1), 1-29.
- Gallois, D. T. (2014). Os Waiãpi e a luta pela demarcação de suas terras. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 6(1), 45-68.
- García Canclini, N. (2005). *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Editora UFRJ.
- Hall, S. (1996). Raça, cultura e comunicações: olhando para trás e para frente dos estudos culturais. In J. Storey (Ed.), *What is cultural studies?* (pp. 336-343). Arnold.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11^a. ed.). DP&A.
- Hall, S. (2016). *Cultura e representação*. PUC-Rio; Apicuri.
- Hall, S. (2017). Culture, the media and the 'ideological effect'. *New critical writings in political sociology: Conventional and contentious politics* (vol. 2; pp. 341-374). Routledge.
- Jenkins, H. (2009). *Cultura da convergência* (2a. ed.). Aleph.

- Karhawi, I. (2017). Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão (edição comemorativa). *Communicare*, 17, 46-61.
- Karhawi, I. & Prazeres, M. (2022). Exaustão algorítmica: influenciadores digitais, trabalho de plataforma e saúde mental. *RECIIS*, 16(4), 800-819. <https://doi.org/10.29397/reciis.v16i4.3378>
- Lemos, A. (2020) Epistemologia da comunicação, neomaterialismo e cultura digital. *Galaxia* (43), 54-66. <https://doi.org/10.1590/1982-25532020143970>
- Martín-Barbero, J. (1999). Sujeito, comunicação e cultura. *Comunicação & Educação*. (15), maio/ago. ECA-USP/Moderna. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i15p62-80>
- Martín-Barbero, J. (2005). The concept of popular in Latin America | Débats Et Combats autour du populaire en Amérique latine. *Hermès la Revue*, 2(42), 78–85. https://shs.cairn.info/article/E_HERM_042_0078?lang=en
- Mignolo, W. D., & Walsh, C. E. (2018). *On decoloniality: Concepts, analytics, praxis*. Duke University Press.
- Noble, S. U. (2021). *Algoritmos da opressão: Como O Google fomenta e lucra com o racismo*. Editora Rua doSabão.
- Noble, S. U. (2023). Decolonizing standards. *Information Services and Use* (Issue: NISOPlus 2023), 43(3-4), 327–333. <https://content.iospress.com/articles/information-services-and-use/isu230214>
- Oliveira, A. P. S. (2022). Entre ritos e invasões: A luta do povo indígena Tentehar/Guajajara pelo território (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís.
- O'Neil, C. (2020). *Algoritmos de destruição em massa*. Editora Rua doSabão.
- Peruzzo, C. M. K. (1998). Mídia comunitária. *Comunicação e Sociedade: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social*, (30), 141-156.
- Peruzzo, C. M. K. (2002). Comunicação comunitária e educação para a cidadania. *PCLA: Pensamento Comunicacional Latino Americano*, 4(1), 1- 10. <https://doi.org/10.5216/c&i.v2i2.22855>
- Peruzzo, C. M. K. (2014). Communication in social movements: A new perspective on human rights. . In T. Askanius, L. S. Østergaard, (Eds.), *Reclaiming the Public Sphere* (série Palgrave Studies in Communication for Social Change). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1057/9781137398758_13
- Peruzzo, C. M. K. (2020). Paulo Freire's role and influence on the praxis of popular communication in Brazil. *International Communication Gazette*, 82(5), 425–439. <https://doi.org/10.1177/1748048520943693>
- Quijano, A. (1992) Colonialidad y modernidade/racionalidade. *Perú Indíg.*, 13(19), 11-20. <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In E. Lander (Org.), *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas* (pp. 227-278), CLACSO.
- Quijano, A. (2007). Coloniality and modernity/rationality. *Cultural Studies*, 21(2-3), 168–178. <https://doi.org/10.1080/09502380601164353>

- Quintero, D. T. Q. (2023). *Comunicação comunitária indígena: a Ororubá Filmes como um processo decolonial*. [Dissertação Mestrado] UFPE, Recife. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/52116>
- Sampaio, R. C., & Lycarão, D. (2021). Análise de conteúdo categorial: Manual de aplicação. Enap. (Coleção Metodologias de Pesquisa).
- Segato, R. (2021). *Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda* (2ª ed.). UFMG.
- Soares, I. O. (1999). Comunicação/educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. *Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação*, (2), 19-74.
- Soares, I. O. (2002) Gestão comunicativa: caminhos da educomunicação. *Revista Comunicação & Educação*, (23), 16-25.
- Soares, I. O. (2011). *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio*. Paulinas.
- Sodré, M. (2012). Reinventando a educação: Diversidade, descolonização e redes. Vozes.
- Sodré, M. (2014). A ciência do comum: Notas para o método comunicacional. Vozes.
- Sodré, M. (2019). A lógica algorítmica da sociedade incivil: Entrevista com Muniz Sodré. Digilabour. Disponível em <https://digilabour.com.br/a-logica-algoritmica-da-sociedade-incivil-entrevista-com-muniz-sodre/>